



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

ADRIANA ARAÚJO

(depoimento)

2013

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

Entrevistada: Adriana Araújo

Entrevistadora: Vera Lúcia Ferreira Pinto Fernandes

Local da entrevista: Academia Champion – Salvador /Bahia

Data da entrevista: 15/03/2013

Processamento da Entrevista: Vera Lúcia Ferreira Pinto Fernandes

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Páginas Digitadas: 9 páginas

Número da entrevista: E-481

Data da autorização para publicação no Repositório: 15/11/2014

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Vera Lúcia Ferreira Pinto Fernandes intitulada *Mulheres de ouro: Trajetória e representações de atletas de lutas* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em fevereiro de 2012.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.
--

SUMÁRIO

Trajetória no esporte; Inserção no Boxe; Apoio da família; Trajetória e conquistas dentro do Boxe; Dificuldades enfrentadas; Mudanças na valorização do Boxe com a criação da modalidade Olímpica para mulheres; Mídia; Perspectivas para o Boxe feminino; Fonte de renda; Bolsa Atleta; Patrocínio; Rotinas de treinamento; Feminilidade e prática de lutas; Mudanças no corpo atribuídas ao Boxe.

V: Neste momento estou com Adriana Araújo, atleta e medalhista olímpica no Boxe feminino. Primeiramente, Adriana, eu gostaria que você descrevesse como aconteceu a sua inserção no Boxe.

A: Bom dia! E brigada pelo convite. Então, minha vida sempre foi direcionada ao esporte. Mas, na verdade, eu nunca fui fã de lutas, de lutas ou artes marciais. Na verdade, eu sempre gostei, eu fiz sempre futebol. Tinha uma paixão incrivelmente imensa pelo futebol até meus 17 anos... 16 anos. Foi onde eu vim conhecer o Boxe, quando eu parei de fazer futebol, e eu entrei pra estética no Boxe, né. Durante... Em questão seis meses me convidaram pra lutar e aceitei o convite e dei continuidade ao trabalho de lutas.

V: E como foi sua trajetória, desde a inserção até o momento atual, sua vida pelo Boxe?

A: Bom, como eu adquiri o Boxe como uma arte mais profissional, hoje querendo ou não eu vivo dele. Pra mim foi uma questão muito difícil, né. Até, então, no começo era motivo de preconceito, era a questão também de desvalorização à modalidade, por ser mulher, foi difícil. Mas graças a Deus, acho que com muita força de vontade, a vontade de querer, de representar o país, Graças a Deus, hoje é outra forma de se ver a realidade do Boxe feminino em nosso país.

V: Então, o que te desafiou? Que potencialidades você viu quando entrou no Boxe?

A: Olha, eu quando entrei, na verdade, como eu tinha dito, eu nunca gostei de lutas, mas eu nunca fugi da luta. E quando eu comecei a praticar, eu fazia muito sparring com homens, como até hoje faço. E isso me fez querer aprender, fez querer ser melhor do que muitos homens que tinha na época. E com isso eu fui adquirindo um gosto, um prazer de estar treinando, um prazer de estar lutando, pra ser sempre ser melhor do que eles.

V: E sua família, como reagiu à sua escolha?

A: Minha mãe no começo não aceitava. Ela não gostava, não aceitava. Ela falava muito pelo fato de eu chegar em casa, às vezes, com o rosto machucado, arranhado, a boca, perna machucada devido às pancadas. E depois que eu fiz a primeira viagem internacional ela começou a apoiar, começou a ajudar, começou a incentivar. E, infelizmente, hoje ela não tá aqui pra vivenciar o que eu estou vivendo, mas eu sei que depois de muito tempo ela, realmente, passou a aceitar e a sempre estar me incentivando. E meu pai sempre incentivou né. Meu pai sempre gostou daquilo que eu faço e sempre estava do meu lado.

V: Tem irmãos?

A: Sim, sim. Meus irmãos são mais tranquilos. Meus irmãos não se envolvem muito não. Gostar gostam, pelo fato de me verem, né, divulgando o país em mídia e tudo mais. Então... Mas hoje, estão comigo. Mas antes eles não aceitavam muito não.

V: Mas nenhum deles lutam?

A: Não, não. Só eu, só eu mesmo.

V: E como que você percebeu que se tornava uma atleta de alto rendimento?

A: Olha, eu fui percebendo conforme eu ia ganhando as lutas. Como eu falei, em questão de 6 meses eu já estava lutando e daí eu fui... Ou seja, de acordo que os resultados vão acontecendo você acredita cada vez mais, entendeu?

V: E olímpica? Como ou quando você se deu conta que chegaria às Olimpíadas de Londres?

A: Eh... Bom, eu sempre acreditei na minha capacidade, né. Mas acreditar, acreditar mesmo foi quando eu conquistei a vaga lá na China com o segundo lugar no campeonato mundial.

V: Conte, então, sobre suas conquistas pessoais e profissionais/esportivas.

A: Das profissionais, acho que a única coisa que me resta agora é ser campeã mundial. Como eu te disse eu fiquei em segundo no campeonato mundial que me classificou pra Londres. As outras quase todas eu já consegui. Sou oito vezes campeã brasileira, sou campeã Sulamericana, sou sete... oito vezes campeã Panamericana, agora medalhista nas olimpíadas. O que me falta é um título mundial. Acho que 2014 é o próximo ano que eu posso tá garantindo esse título pra mim, pro meu país, pro meu estado também. E pessoal, Graças a Deus, eu sou uma pessoa realizada. A cada dia, a cada momento eu tô conquistando todos os meus sonhos, tudo aquilo que eu almejei lá atrás. E estou trabalhando agora para dar continuidade à realização desses sonhos, de cada um deles.

V: E sobre dificuldades. Você enfrentou ou enfrenta dificuldades pra permanecer no Boxe?

A: Que tipos de dificuldades? Como atleta?

V: Sim, como atleta... questões financeiras, questões de preconceito, questões físicas também...

A: Oh, físicas nem tanto. Mas, em relação à financeiramente, infelizmente, é difícil no Brasil, né. Como se diz: “Em nosso país, eles não valorizam muito o esporte”. Principalmente, não há um investimento adequado pra qualquer que seja a modalidade. Todo atleta, não só como eu, mas todo atleta, como em toda modalidade mesmo no começo encara a dificuldade: essa falta financeiramente de dinheiro, essa falta de apoio, né, de incentivo. Algo que acontece lá fora, né, desde novo, o atleta quando começa a praticar, já começa desde pequeno com incentivo, com apoio tanto financeiro, como escolaridade e aqui é totalmente diferente. Aqui o atleta ele tem que vencer dentro e fora do ringue, né. Dentro do ringue contra o adversário e fora do ringue com essas dificuldades. E até mesmo pra chegar lá, o atleta tem que ser o principal pra poder ser reconhecido.

V: O que te faz permanecer como atleta? O que te motiva a continuar?

A: O que me motiva é a vontade que eu tenho de ser campeã mundial e representar o meu país no Rio em 2016.

V: Eh... Saiu recentemente uma notícia sobre a nova idade limite para competir em olimpíadas...

A: Sim, exatamente. Na verdade saiu dia 11 de março. 11 de março saiu a divulgação do aumento da... A nova regra que agora é o aumento da idade. O atleta olímpico não luta apenas até 34 anos, mas sim até os 40 anos. O que me dá a possibilidade de disputar aí mais duas olimpíadas.

V: E como que você vê a relação e interesse do público pelo Boxe feminino, hoje?

A: Olha, hoje em dia é... Como eu tinha dito antes, era muita discriminação, principalmente da parte dos homens, e hoje talvez seja o contrário. Pelo menos, eu tenho encontrado muitos fãs, muitas pessoas do público sem si, me parabenizando, me incentivando, apoiando, entendeu? Acreditando que o Boxe feminino tem capacidade de ser um esporte que seja tanto homem quanto a mulher pra se praticar, onde antigamente não se via isso. E hoje mudou muito, mudou muito. O que era discriminação é onde... vamos dizer assim... as pessoas incentivam, as pessoas apoiam.

V: E a mídia? Como que você vê a relação e o interesse da mídia com a atleta de Boxe feminino ou com o Boxe feminino como um todo?

A: Olha, a mídia hoje... Na verdade o que mudou muito foi a entrada do Boxe feminino nas olimpíadas. Isso realmente ajudou muito. Fez com que realmente a mídia realmente olhasse o Boxe feminino, não como um joguinho. Essas dificuldades de que o Boxe feminino era um esporte secundário, hoje é um esporte bastante valorizado, um dos poucos que a sociedade confia. Ela apoia o Boxe feminino.

V: Então, na sua opinião o que pode ser feito no Brasil para o Boxe feminino seja ainda mais valorizado, remunerado, transmitido?

A: Trocar o presidente (rsrs)... Assim, de fato mudar a presidência [da CBBOXE]. Realmente, colocar pessoas que já foram atletas, pessoas que sabem o que o atleta passa, pessoas que realmente tenham o interesse e o desejo de ajudar e apoiar o atleta e não apoiar a si mesmo e querer se achar que é o dono de uma Confederação, de uma Seleção.

V: Qual foi a sua, se existiu, maior frustração e o maior sonho já realizado ou a ser realizado ainda através do Boxe?

A: Olha, a ser realizado... A ser realizado é o título mundial, como eu já tinha dito, é o que eu estou buscando agora, o título mundial e 2016 buscar essa medalha olímpica, que é o ouro olímpico em 2016. E a minha frustração foi que depois de tanta dificuldade na vida, depois de tantas chateações, de tanto tempo que o Boxe feminino não era olímpico, então, como o Boxe feminino nunca teve um apoio, uma ajuda melhor e hoje por achar que pelo Boxe feminino é olímpico a gente acharia que a dirigência da seleção brasileira de Boxe ia realmente ter um grande respeito, um apoio melhor para com os próprios atletas. E hoje eu realmente vi que não é nada daquilo, que não é nada disso que eu pensava, que eu achava, né, lá atrás.

V: E você vive só do esporte? Sua renda mensal é composta de quê?

A: Sim, eu vivo só do esporte. Eu fiz do esporte, do Boxe, minha única profissão. Eu vivo de bolsas, né, e patrocínio da Petrobrás. Eu tenho uma ajuda da Petrobras, uma ajuda mesmo com a finança. E bolsa, que é o Bolsa Atleta que, desde 2009, foi essa Bolsa Atleta que me fez dar apenas continuidade no Boxe, onde tive que largar meu trabalho por motivo do esporte, que foi o Bolsa Atleta e o bolsa aqui da Bahia mesmo, que é a Bolsa Estadual que me sustenta pra eu dar continuidade ao meu trabalho.

V: Você comentou que largou o trabalho por causa da Bolsa...

A: Sim. Trabalhei durante 9 anos numa empresa chamada COEL, onde eu tinha que conciliar trabalho e treinos e em 2009 eu fui contemplada com o Bolsa Atleta. E o que eu recebia no Bolsa Atleta era bem maior do que o meu trabalho, então, eu preferi ficar

no Bolsa Atleta e dar continuidade aos meus treinamentos por acreditar que um dia as coisas iam melhorar, iam mudar.

V: E estão melhorando?

A: Claro.

V: Uma curiosidade: A Nissan, ela é patrocinadora também?

A: Então, a Nissan é uma nova equipe, uma empresa que entrou em conjunto comigo agora no “time Nissan”. A Nissan, na verdade é um patrocínio. Não só um patrocínio, mas também um suporte, onde o qual ela me dá todo tipo de trabalho relacionado ao meu trabalho, ao Boxe, com psicólogo, nutricionista e tudo mais. E fora o suporte, né, o carro que é o deslocamento. Isso aí é um dos melhores que eu acho que eu como atleta sempre... O quanto isso é valioso pra gente, o deslocamento. Você está na sua academia, você está na sua parte do seu treinamento físico, onde quer que você esteja, e isso aí pra mim foi muito importante.

V: Eh... Você reconhece diferenças entre o Boxe feminino e masculino, em termos de regras, na parte financeira, o público?

A: A diferença na realidade são as regras, né. O Boxe masculino luta 3 rounds de 3 minutos e o feminino luta 4 de 2 minutos. Fora isso é tudo igual. Acho que os mesmos treinamentos pro homem é pra mulher, o que eles fazem a gente também faz. A diferença é que cada um é... O homem luta com homem encima do ringue e a mulher luta com mulher mesmo lá no ringue. Mas fora isso, no treinamento a gente pode treinar um com o outro, né. No nosso caso, o feminino, a gente treina com homens, como os homens também usufruem do nosso treinamento. Mas não tem muita diferença não.

V: E financeiramente, em relação a apoio ou patrocínio?

A: Então, antigamente existia... também existia essa dificuldade. Existia pelo fato de o Boxe feminino não era olímpico. Como hoje o Boxe feminino é olímpico, a

possibilidade... Essa falta de discriminação... Essa discriminação que tinha... essa falta de apoio, de ajuda, pelo fato do Boxe feminino não era olímpico, hoje isso mudou. Hoje realmente existe essa ajuda, esse apoio.

V: E como que é sua rotina [interrupção]. Como é sua rotina de treinos no decorrer da semana?

A: Aqui é uma parte da manhã, aqui sempre é na parte da manhã, que é a parte técnica, né. A gente leva duas horas e meia na parte técnica de manhã. E tem uma parte física que é à tarde, durante a semana toda eu faço a parte física que são, pelo menos, uma hora a parte física, isso vem coordenando a parte aeróbica e a parte neuromuscular. E a noite eu tenho o descanso, o qual eu tenho que descansar realmente para que no outro dia eu dê continuidade ao meu trabalho.

V: E nos dias de lutas ou que antecedem as lutas, a rotina muda? Tem algum treinamento especial?

A: Na verdade treinamento continua intenso, continua sendo um treinamento intenso, né. Na verdade, muda realmente, aumenta mais a intensidade, você entendeu? Treino direto. Esse treinamento ele é realmente é proposta total pra luta mesmo. E fora isso, é realmente o treino pela manhã, o treino da tarde e a noite dá realmente uma continuidade ao grande descanso.

V: Bem, você acha que as exigências técnicas e corporais do Boxe, elas influenciam na sua feminilidade?

A: Não, de forma nenhuma, de forma nenhuma. Acho que a feminilidade ela sempre está com a mulher, independente do que ela faça, ela nunca vai deixar de ter a sua feminilidade. Acho que o esporte em si, seja ele qual for, pode ser o boxe, como natação ou o judô, tanto de lutas como quando não é. Acho que a feminilidade da mulher quando ela tem, ela sempre vai ter independente do que ela faça.

V: Pra você, o que é ser feminina?

A: Ser feminina é você ter sua vaidade. É você se sentir e se achar mulher, independente de qualquer coisa e só.

V: E em relação à sua feminilidade, como você percebe o olhar dos outros?

A: Olha, eu não... Eu não me preocupo tanto com o olhar dos outros. Acho que... O fato é que eu tenho que me sentir. Se eu me sinto pouco me importa o olhar das pessoas, dos outros. Eu me sinto. Então, acho que se eu sinto que eu sou uma pessoa feminina, que eu sou uma mulher, pouco me importa o olhar dos outros.

V: E sobre seu corpo, você está satisfeita como ele é hoje?

A: Sim, sem sombra de dúvidas (rsrs).

V: Você já quis ou gostaria de mudar algo em seu corpo?

A: Não. Só diminuir o peso aqui, que é muito sacrifício.

V: Mas diminuir o peso pra atender à modalidade?

A: Exatamente. Fora isso me sinto muito bem com ele, obrigada.

V: E você percebeu mudanças em seu corpo que possa ser atribuído ao Boxe?

A: Olha, na verdade eu não vou atribuir ao boxe. Porque, na verdade, o que eu faço é uma profissão. Eu não faço o Boxe, o esporte, a modalidade. Eu faço uma profissão. Então, como a gente trabalha uma profissão, a gente adquire muitas coisas pelo fato de trabalhar redobradamente que uma pessoa normal. Então eu não vou atribuir porque o Boxe quando você faz ele como profissão, faz ele como seu trabalho, ele te atribui muitas coisas. No caso, eu tive visivelmente, um aumento grande de massa muscular, uma grande elevação do meu tronco. Isso pelo fato de eu fazer o esporte como minha profissão. Então, são anos e mais anos trabalhando essa modalidade, é todos os dias

trabalhando essa modalidade. Então, há uma grande diferença em relação à pessoa que pratica a modalidade dois meses, três meses, uma vez ou outra. É totalmente diferente. Então, eu não vou atribuir essa elevação ao Boxe. Atribuo sim ao meu trabalho, à grande execução de trabalho de musculação, de parte técnica. Então, a isso atribuí esse grande aumento de massa corporal.

V: E você está satisfeita com tudo?

A: Com certeza.

V: Pra concluir, eu gostaria de te perguntar o que o Boxe significa pra você?

A: Minha família. O Boxe é minha segunda família, é meu trabalho. Não vou dizer que é minha vida porque minha vida é Deus, Graças a Deus. Mas ele é em terceiro, segundo plano na minha vida.

V: Adriana, você gostaria de perguntar ou comentar sobre algo que a gente conversou ou que a gente não conversou?

A: Não. Acho que eu só tenho a agradecer pelo fato de vocês lembrarem do Boxe feminino, principalmente aqui da Bahia, lembrarem de mim Adriana Araújo. Só tenho a agradecer e estarei de portas abertas pra vocês. Se precisar de alguma coisa, estarei aqui pra te responder novamente.

V: Eu é que agradeço, Adriana. Brigada!